



RATINHO MANHOSO

Tatiana Belinky

Resenha

Será que existe alguma criança por aí que nunca fez uma manhazinha sequer? Pois esta divertida história apresenta ao pequeno leitor um ratinho que é especialista no assunto!

A mãe Rata Cinzenta já não sabia o que fazer para que seu filhote pudesse dormir tranquilo em seu berço, mas foi só começar a cantar uma canção de ninar que o festival de manhas começou. O filhote não gostou da voz muito fininha de sua mãe e pediu que ela lhe trouxesse uma babá para cantar para ele. E lá se foi dona Rata buscar a Pata Branca para cantarolar para o pequeno. Mas foi só a pata começar a mostrar seus dotes vocais que lá veio, novamente, a reclamação do ratinho. A Pata Branca, segundo ele, tinha voz um tanto rouca para niná-lo: seus grasnidos não o deixariam conciliar o sono. Ofendida com as críticas, a pobre pata foi embora manifestando sua indignação. Bem, a Rata Cinzenta vendo que a primeira babá não havia funcionado, decidiu ir atrás da Dona Sapa Verde e, mais uma vez, adivinhe o que aconteceu? O ratinho fez a sua cena costumeira: manha, e mais manha. Depois da Sapa Verde, outras babás vieram para ninar o pequeno rato, porém nenhuma voz nem mesmo presente algum oferecido por elas foram suficientes para agradá-lo. Até que um dia, quando a Rata Cinzenta já não sabia o que fazer para seu filhote dormir, apareceu uma misteriosa Gata Ruiva, oferecendo seus serviços com uma voz aveludada. Epa! Mas espere aí: será que é uma boa ideia uma gata ninar um filhote de rato? As consequências desta manha toda vão se mostrar mais perigosas do que o ratinho imaginava!

Tatiana Belinky enreda o pequeno leitor em uma narrativa graciosa. As ilustrações criadas por Jana Glatt conferem expressividade aos personagens, abrindo caminhos para uma identificação imediata com suas sensações e intenções. Aprender a lidar com as insatisfações na infância talvez seja uma das lições mais complexas. Fazer birra, no entanto, pode ser um segundo problema disfarçado de solução. O ratinho manhoso que o diga!



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Houve duas situações diferentes de leitura desse delicioso livro de Tatiana Belinky com minha filha Luísa, de oito anos. Na primeira vez, estávamos no sítio com seus padrinhos, que têm a Gabriela, de cinco anos. À noite, depois de um dia de brincadeiras no rio, juntei as duas na varanda e, tendo cada uma de um lado, comecei a leitura de *Ratinho Manhoso*.

Luísa e Gabi começaram a perceber, a partir da entrada em cena de Dona Sapa Verde, que cada animal oferecia como recompensa para o sono do ratinho algum alimento que era do gosto de quem tentava fazê-lo dormir. Na página de Dona Porca Rosada, as duas, ao mesmo tempo, quiseram saber o que era sabugo. Uma pena não ter lembrado, naquele momento, do Visconde de Sabugosa – pelo menos a Luísa haveria de lembrar que aquele personagem de Monteiro Lobato era feito de um sabugo de milho.

O melhor momento do livro? A hora em que o cachorro Tição salva o ratinho de ser comido pela Gata Ruiva. Gabi gostou do barulho que o cachorro fez: Rrrrauuu! “E um rosnido medonho: Grrrr!”, lembrei-a. E todos passamos a imitar cada bicho, quando fizemos a retrospectiva que sempre costumamos fazer com as boas histórias.

Interessante como um dos grandes prazeres de leitores em estado quase virginal, como a Gabi, é reproduzir fisicamente o que acabaram de ouvir e ver. Assim, a cada bicho que entrava em cena as duas imitavam não apenas o som, mas o movimento. Com dona Sapa, saíram pulando pela varanda. Com a arara, aproveitaram para gritar de jeito espalhafatoso. Com a porca, saíram guinchando e imitando porquinhos até encontrarem alguém de fora da história para assustar.



Alguns dias depois, cumprindo nosso ritual noturno de contação de histórias, decidimos voltar ao *Ratinho Manhoso*. Dessa vez, apenas eu e Lu, com a presença já habitual da nossa gata Cacau aos pés da cama. Mais concentrada e atenta ao desenrolar da história, ela passou a repetir a frase que encerrava cada tentativa (“Mas que ratinho manhoso!”), além de ser a responsável pela leitura das letras que representavam o ruído do bicho. Também estávamos nós dois mais atentos a alguns detalhes da ilustração, como o de que cada animal trazia o contorno pintado da cor equivalente ao nome (verde para a sapa, rosa para a porca, vermelho para a galinha etc.).

Ao fim da leitura, Luísa quis reler, como sempre faz com os livros que gosta. E dessa vez a leitora foi ela. Encarou o texto de cabo a rabo, empacando em uma palavra ou outra (*grunhido* e *grasnido* são duas que lembro de ajudá-la a sair do atoleiro), mas caprichando na entonação – ela agora está bastante atenta a isso e chega a exagerar na interpretação.

Quando fechei o livro e iniciei os preparativos para deixá-la no quarto, começaram os pedidos: “tô com fome”, “quero água”, “e se eu tiver um pesadelo?”. Mas eu já tinha a resposta na ponta da língua para cada pedido: “Mas que gatinha manhosa!”. Luísa riu e, como o ratinho, resolveu encerrar o seu dia sem mais manhas.



Um pouco sobre a autora

Nascida na Rússia, Tatiana chegou ao Brasil em 1919, com dez anos de idade. Veio com seus pais e dois irmãos menores. Com essa idade, já tinha lido muitos livros e poemas maravilhosos; um deles, de belos contos russos, que trouxera na viagem, conservou até o fim da vida.

Em São Paulo, cresceu, estudou, casou com um médico santista e teve filhos, netos e bisnetos.

Tatiana nunca parou de ler. E, de tanto ler de tudo, começou a inventar e a escrever suas próprias histórias e versos. Isso, além de contar, traduzir e adaptar para a televisão muitas histórias, transformando-as em teleteatro, como “roteirista” de seriados, por exemplo, *O Sítio do Picapau Amarelo* — o que fez por mais de doze anos.

E então, certo dia, foi convidada por uma grande editora para escrever uma história para uma série infantojuvenil — e não parou mais, para alegria de seus leitores.

Tatiana faleceu em 15 de junho de 2013 em São Paulo, aos 94 anos.

Leia mais

Da mesma autora

- ✕ *Saladinha de queixas*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *O caso do bolinho*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Tatu na casca*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *O livro das tatianices*. São Paulo: Salamandra.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✕ *O bico*, de Ilan Brenman. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Trudi e Kiki*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Abaixo o bicho-papão*, de Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna.

